

A Igreja de São José dos Carpinteiros

A partir de uma conversa com Gonçalo Ribeiro Telles

Cristina Campos | Grémio do Património

Foi o projecto de reabilitar um edifício histórico, para assinalar o seu 15º aniversário, que conduziu o Grémio do Património à Igreja de São José dos Carpinteiros, em Lisboa, e ao arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles que a gere. Numa conversa informal, em que deambulamos por temas transversais como a Monarquia ou a Maçonaria, disfrutamos dos ensinamentos do arquitecto, figura incontornável do panorama cultural português. Uma autêntica lição de cidadania.



2

Gonçalo Ribeiro Telles caminha, inconfundível e apressado, na Rua de São José, em Lisboa, tomando a direcção da Igreja de São José dos Carpinteiros. Paralela à Avenida da Liberdade, esta é uma das artérias mais características da cidade, mantendo aceso o espírito bairrista por entre fachadas de prédios do século XVIII. A rua regista ainda um movimento constante de turistas, o que lhe confere uma atmosfera simultaneamente cosmopolita.

Durante o seu breve percurso, Ribeiro Telles reside e nasceu na Rua de São José, cumprimenta calorosamente alguns moradores e lojistas que parecem conhecê-lo desde sempre. A relação privilegiada do arquitecto que dispensa apresentações - em 2012 comemora 90 anos e foi homenageado pela Fundação Calouste Gulbenkian - com a Rua de São José justifica-se também pelo cargo que ocupa de Juiz Presidente da Irmandade de Ofícios da Antiga Casa dos 24, associação católica que remonta ao século XIX e está sedeada na Igreja. Foi precisamente nessa condição que conversámos, no interior do templo. Apesar de apresentar uma fachada restaurada, permanece encerrado ao público devido às más condições de conservação em que o imóvel, classificado desde 1978 como de Interesse Público, se encontra.

A origem da Igreja remonta a 1533, ano em que é criada a Confraria de São José, constituída por carpinteiros e pedreiros. Gonçalo Ribeiro Telles explica-nos que a confraria funcionava como uma espécie de sindicato que legitimava o estatuto dos seus profissionais, proporcionando-lhes ascensão na carreira (de aprendizes a oficiais e mestres) e, simultaneamente, os protegia, bem como as suas viúvas. O arquitecto aponta para as duas cartelas que, na fachada, ladeiam o medalhão oval (figurando São José) e nas quais se destacam, em relevo pético, as ferramentas de pedreiro (esquerda) e as de carpinteiro (direita). Qualquer semelhança com os símbolos maçónicos (a heráldica é partilhada), adverte, não é pura coincidência. Mas a Maçonaria chegou a Portugal bastante

mais tarde e o conceito de “pedreiros livres” remete precisamente para o facto de se assumirem libertos do poder da Igreja Católica, esclarece. Chama também a atenção para o facto de ser provável que a criação da Confraria esteja relacionada com o terramoto de 1531, frequentemente omitido face ao de 1755, mas, segundo alguns, bastante mais devastador. A necessidade de reconstrução da cidade pode explicar que o número de carpinteiros e pedreiros tenha aumentado substancialmente nos anos que se seguiram à calamidade, justificando a criação da Confraria. Anos mais tarde, em 1546, a Confraria mandou construir, a expensas próprias, a Ermida de São José Entre-as-Hortas ou de São José dos Carpinteiros. A designação de Entre-as-Hortas, esclarece o arquitecto, prende-se com o facto de, nessa altura, a actual Avenida da Liberdade ficar fora das portas da cidade e ter, no seu lugar, não mais que pequenas hortas e descampados. A Ermida, a partir de 1567, passou a ser sede paroquial e da Freguesia de São José mandada criar, nesse mesmo ano, pelo Infante Dom Henrique. O terramoto de 1755 inflige à Igreja alguns danos, tendo ficado a sua reparação a cargo do mestre-pedreiro Caetano Tomás, assumindo então as características pombalino-barrocas que lhe detectamos hoje.

Foi também na sequência do terramoto, que causou a destruição do Hospital de Todos os Santos, no Rossio, que a Igreja, “única capela que não tinha caído”, passou a acolher as reuniões da Casa dos 24, conselho corporativo formado por D. João I, em 1383, agregando dois representantes dos doze ofícios mais relevantes da cidade de

11 Interior da Igreja de São José dos Carpinteiros, em Lisboa
Fotografia: Teresa C. Sousa

21 Gonçalo Ribeiro Telles no interior da Igreja de São José dos Carpinteiros, em Lisboa
Fotografia: Teresa C. Sousa



3 | Exterior da Igreja de São José dos Carpinteiros, em Lisboa
Fotografia: Teresa C. Sousa

4 | Interior da Igreja de São José dos Carpinteiros, em Lisboa
Fotografia: Teresa C. Sousa

Lisboa. A Confraria dos Carpinteiros e Pedreiros estava obviamente representada, correspondendo à sétima bandeira da organização. A Casa dos 24 acabou por ser extinta em 1834, na medida em que o Liberalismo proibia as corporações de artes e ofícios. Foi precisamente na sequência da sua extinção que a Irmandade de Ofícios da Antiga Casa dos 24 foi criada. “Hoje em dia a Irmandade tem um carácter exclusivamente simbólico e religioso. Os Irmãos deixaram de exercer profissões ligadas aos ofícios. A renovação dos membros é muito difícil. Somos todos velhos e vamos morrendo...”. Sorri. Sorri também, agora com manifesto orgulho, quando afirma que a Irmandade não foi reconhecida durante a I República; o Marquês de Rio Maior teve um papel preponderante ao evitar a entrada Inventário Oficial das Igrejas. Não integrou também o regime de corporações durante o Estado Novo.

A Igreja de São José dos Carpinteiros apresenta uma planta longitudinal constituída por dois rectângulos justapostos (nave e capela-mor), resultando um volume paralelepípedo coberto por telhado de duas águas. A nave e capela-mor apresentam cobertura em abóboda de berço (a da nave é ornamentada com uma pintura monocromática sobre estuque em torno das figuras de S. José e do Anjo). Na transição entre ambas destaca-se a existência de duas capelas laterais orientadas para a nave, constituindo-se como um falso transepto separado da nave por balaústres torsos em madeira de “pau-santo”, ritmados por pilastras de mármore vermelho. Sensivelmente a meio da nave existem dois púlpitos e existem também duas sacristias a ladear a capela-mor. A caracterização

da Igreja, pela sua dimensão, não cabe no âmbito deste artigo. Sugerimos, por isso, que o leitor a visite no contexto de algumas iniciativas culturais que, pontualmente, aqui são organizadas pela Junta de Freguesia de São José. A Igreja já acolheu, por exemplo, um concerto do fadista Camané.

São várias e curiosas as histórias associadas à Casa dos 24 que Ribeiro Telles partilha; uma delas dá conta do facto de, todos os anos, numa noite definida em segredo, os membros da Confraria se dirigirem ao Paço Real, no Terreiro do Paço, fazendo com que o rei descesse dos seus aposentos para os receber. Este ritual ilustra bem a sua relevância política. No final do breve encontro, o monarca era inevitavelmente brindado com a seguinte advertência: “Saiba Vossa Majestade que estamos aqui para o cumprimentar mas somos 24 e não cabem cá 25”. Outro relato que dá conta do seu prestígio reflecte-se no facto de um dos membros da Confraria assistir aos partos da rainha, atestando assim a legalidade do processo de sucessão.

Nos últimos anos a Igreja, em grande medida por intervenção da Junta de Freguesia de São José e do Grupo de Amigos da Igreja de São José dos Carpinteiros, tem sido alvo de algumas obras de conservação e restauro que abrangeram a fachada principal, o telhado e parte do chão. O desejo de Gonçalo Ribeiro Telles, partilhado pelo Grémio do Património, é que a Igreja possa, em breve, ser reabilitada e devolvida à cidade e à comunidade, abrindo as portas enquanto espaço de fruição cultural de excelência ■